

Você já foi a Portugal dos Pequenitos? Da fruição lúdico-educativa à reflexão (anti)colonial

Ana Clara Giannecchini¹

Bárbara Ramalho²

Lúcia Helena Alvarez Leite³

Você já foi a Portugal dos Pequenitos? Um encantamento nos olhos de quem pergunta sugere um lugar imperdível na cidade portuguesa de Coimbra. Às vezes, pode-se até perceber certo orgulho do lugar.

Fomos à Universidade de Coimbra complementar nossos estudos de doutorado e usufruir do ambiente de diversidade cultural e pensamento interdisciplinar proposto pelo Centro de Estudos Sociais, um espaço para se (re)pensar discursos dominantes e suas oposições. Somos mulheres brasileiras. Duas de nós são educadoras e, a outra, arquiteta atuante na área do patrimônio cultural e mãe. A educação das crianças e as marcas da colonização têm, portanto, centralidade em nosso cotidiano.

Desde os primeiros dias na cidade, em plenas férias de verão, muitas pessoas sugeriram uma visita ao Portugal dos Pequenitos, um lugar, em suas palavras, “divertido para levar as crianças e ir em família”. O Parque aparece na narrativa espontânea local equiparado ao Pátio das Escolas⁴ – o monumento por excelência de Coimbra, celebrado como Patrimônio Mundial pela Unesco – e, portanto, tão digno de visita quanto o centenário complexo universitário.

¹ Doutora pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Contato: anaclaragia@gmail.com.

² Doutora pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Contato: bbramalho@gmail.com.

³ Professora associada da Universidade Federal de Minas Gerais. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação e Movimentos Sociais, atuando principalmente nos seguintes temas: educação integral e integrada, educação indígena. Coordena o grupo de pesquisa e extensão - TEIA (Territórios, Educação Integral e Cidadania) da Faculdade de Educação da UFMG. Contato: lualvarezleite@gmail.com.

⁴ Para maiores informações, acessar: <http://visit.uc.pt/patio/>

A sugestão, entretanto, já de partida nos deixava com 'dois pés atrás': De um lado, o alerta de uma atividade do curso de verão 'Epistemologias do Sul', coordenado pelo mesmo Centro de Pesquisa a que estávamos vinculadas, sobre a complicada rede de narrativas coloniais ali expressas; de outro, a crítica já consagrada no campo do patrimônio sobre o fetichismo dos parques temáticos, dos falsos históricos⁵ e das cópias descontextualizadas⁶.

Foi com os olhos que temos: habitantes de uma ex-colônia, ao mesmo tempo turistas do século XXI, professoras e mãe, estudiosas daquilo que temos chamado de estudos anticoloniais⁷ que, munidas de uma câmera e buscando identificar evidências da narrativa colonial, em nosso terceiro mês na cidade, decidimos visitar o local. Ocasão em que fotografamos especialmente os monumentos dispostos no espaço e os totens que os identificavam.

Com o objetivo de compreender, do ponto de vista de três mulheres latino-americanas, a forma pela qual o processo de colonização é concebido e, conseqüentemente, materializado e difundido no Parque, este artigo, dada a natureza das discussões e a forma adotadas, assume características de um ensaio (Machado *et al.*, 2005). Nosso olhar se deterá especificamente sobre as galerias que se referem às ex-colônias portuguesas e, portanto, aos atuais territórios de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Índia, Macau, Moçambique, São

⁵ A formulação moderna do patrimônio surge, no século XVIII, exatamente da necessidade de distinguir passado e presente. A ideia do autêntico, ou do original, em relação aos testemunhos históricos culturais, perpassa os debates do século XIX e XX. Na década de 1960 o crítico de arte italiano Cesare Brandi usa o termo "falso histórico" em sua Teoria do Restauro como premissa ao sustentar que "a restauração deve visar ao restabelecimento da unidade potencial da obra de arte, desde que isso seja possível sem cometer um falso artístico ou um falso histórico, e sem cancelar nenhum traço da passagem da obra de arte no tempo". Trata-se de compreender a restauração dos monumentos históricos, ou dos bens culturais, como ato crítico diferente das práticas de falsificação histórica. Supõe-se que bens culturais não devem ser reconstruídos como se originais fossem, porque desse modo perdem autenticidade, conceito central para a Teoria do Restauro. Essa ideia está claramente expressa na Carta de Veneza, de 1964, documento que se tornou basilar do campo do patrimônio, cuja denominação completa é Carta Internacional sobre Conservação e Restauração de Monumentos e Sítios, elaborada por ocasião do II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos do ICOMOS, o Conselho Internacional de Monumentos e Sítios.

⁶ A indissociabilidade entre o monumento e seu contexto de origem para a preservação do valor cultural também é central no campo do patrimônio. A Carta de Veneza (1964) sustenta que "O monumento é inseparável da História – da qual é testemunho – e também do meio em que está situado."

⁷ Utilizaremos neste texto o termo anticolonial para nos referir a um conjunto de discussões realizadas por intelectuais vinculados às teorias pós-coloniais, decoloniais, aos Estudos Subalternos e às Epistemologias do Sul. O ponto de convergência entre tais campos será explicitado na terceira seção deste texto.

Tomé e Príncipe e Timor. Suportes que ocupam, concreta e simbolicamente, proeminência naquele espaço.

São as abordagens de Frantz Fanon, especialmente aquelas por ele realizadas em *Os condenados da terra* (1952), mas também suas reflexões em *Pele negra, máscaras brancas* (1968) que irão nos auxiliar nesta reflexão. Isto porque, ao se dedicar à análise do caso concreto de colonização de Martinica, o autor escancara as características violentas do processo colonial. Um pertinente contraponto, como o leitor poderá compreender ao longo do texto, à narrativa predominante em Portugal dos Pequenitos que, negando a centralidade da brutalidade engendrada no processo de colonização português, soma-se a versões *soft* (Silva, 2016) ou idealizadas do papel desempenhado por aquele país na história colonial (Santos, 2013; Martins, 2015). São, em nosso entendimento, quatro os aspectos constitutivos da narrativa colonial no parque, os quais assumiremos como seções neste texto: A benevolência do colonizador; O pacifismo do projeto colonial; A exaltação do colonizador; e O primitivismo do colonizado. Antes de nos dedicarmos a elas, apresentamos uma breve contextualização histórica sobre esta espécie de ‘parada obrigatória’ para os turistas, mas, sobretudo, para as crianças portuguesas.

O Parque Lúdico



Imagem 1: Fachada do Parque Temático Portugal dos Pequenitos na cidade de Coimbra, Portugal.
Fonte: Imagem elaborada pelas autoras, 2018.

Há uma extensa literatura crítica produzida sobre Portugal dos Pequenitos centrada na sua criação enquanto obra glorificante do Estado Novo português (1933-1974), em especial na função que a arquitetura desempenha enquanto instrumento de mitificação da nação e de um modo de ser naquele país (Bandeirinha, 1996; Matos, 2010; Sebastião, 2013; Silva, 2016). Embora não seja este nosso tema, tais trabalhos nos ajudam a contextualizar o projeto em curso.

O pequeno parque localizado à margem esquerda do Rio Mondego foi inaugurado em 8 de junho de 1940 com a parte que hoje se denomina de ‘casas regionais’. A intenção do médico-cirurgião Bissaya Barreto (1886 – 1974)⁸ era então a de construir um jardim infantil, “A Aldeia do Ninho dos Pequenitos”, ao lado da Casa da Criança Rainha Santa Isabel, um dos infantários também por ele idealizado. Nos anos seguintes, o parque ganhou outras seções temáticas, tendo sido finalizado apenas em 1962.

No mesmo ano de inauguração do parque e, ainda que por força das circunstâncias, poucos dias depois, foi aberta em Lisboa a Exposição do Mundo Português⁹ em comemoração aos centenários da Fundação do Estado Português (1140) e da Restauração da Independência (1640). A Exposição vinha sendo planejada e preparada muito antes que o projeto do parque coimbreense¹⁰ e pretendeu ser a principal vitrine da expressão da identidade do país, “encenando uma visão épica e glorificadora da História Nacional de que o presente – o do Estado Novo – pretendia ser uma refundação e um renascimento” (Silva, 2016, p. 85).

A literatura especializada aponta o Portugal dos Pequenitos como uma cópia regionalista e miniaturizada desse evento maior, destinada a “inculcar” nas crianças o espírito nacional (Silva, 2016). Na realidade, as comemorações do

⁸ Bissaya foi um professor influente da Universidade de Coimbra e político, amigo íntimo de António de Oliveira Salazar (1889-1970). Interessou-se pela assistência pública e social, deixando uma obra ímpar que compreende hospitais, maternidade e casas de saúde, escola e instituto superior, hoje administrados pela fundação que leva seu nome (Silva, 2016, p. 85).

⁹ A Exposição do Mundo Português foi pensada como um paralelo das Exposições Universais, iniciadas em 1851 na Inglaterra. Esses eventos internacionais funcionavam como vitrines do avanço da indústria e das ciências, um ‘estado da arte’ da época. Negociantes e administradores de variados países prestigiavam as inovações expostas em busca de soluções e novos negócios. Com o tempo, especialmente após a primeira guerra mundial, esses eventos passaram a adquirir viés cultural. Assim, fica clara a tentativa da exposição portuguesa de coroar uma época como próspera no país, equiparável aos avanços internacionais civilizatórios de então.

¹⁰ Ver as informações recolhidas por Silva, 2016, p. 261.



duplo centenário, cujo evento maior foi a exposição lisboeta, compreenderam eventos regionais em outras cidades. A agenda de Coimbra, que incluiu parte do que hoje é o parque infantil, foi toda inaugurada no dia 8 de junho¹¹.

Bissaya convidou um dos arquitetos mais importantes do primeiro modernismo português, Cassiano Branco, para a empreitada. Segundo Silva (2016), Branco tinha uma postura pragmática e oscilou em sua carreira entre o protomoderno cosmopolita e o tradicionalismo historicista requerido pelas obras do Estado Novo. A relação do arquiteto com o regime é ambígua:

(...) Cassiano não figura só como irónico e vagamente resistente, mas desdobra-se na sua “ambivalência” que o leva a projectar durante quase 25 anos o “Portugal dos Pequenitos”, sem vislumbre de ironia, mas antes com evidente convicção e interesse. (Ibidem, p. 203)

A “Aldeia dos Ninhos dos Pequenitos”, construída entre 1938 e 1940, foi idealizada como um conjunto de pequenas construções representando as casas regionais portuguesas. A ideia era inspirada, de acordo com Silva (2016), nos manuais da casa portuguesa de Raul Lino, o principal arquiteto da Exposição do Mundo Português¹².

A partir de 1940, o Parque adota a solução arquitetônica tripartite da Exposição do Mundo Português cujos pilares de construção da identidade nacional eram a história (seção metropolitana), a cultura popular (aldeias) e o valor civilizacional do império (seção colonial). Para Cassiano, eram três as lições a aprender:

A primeira lição ou a “Aldeia do Ninho dos Pequenitos de Santa Clara” destinada às “classes infantis até aos 10 anos” reporta-se ao universo rural e às suas arquitecturas, “a segunda, mais desenvolvida de aspectos e documentação, compondose de oito pavilhões representativos de cada província portuguesa” corresponde à Secção Metropolitana onde está incluída a Casa de Coimbra “em cuja fachada se reconstituem com esmerado equilíbrio, trechos arquitectónicos dos monumentos de maior tradição histórica da cidade”. Por último, “a terceira lição, composta por pavilhões representativos de todas as nossas colónias e do Portugal Insular” corresponde à Secção Colonial ou Portugal de Além-Mar. (Branco, 1944(?) pp. 8, 10 *apud* Silva, 2016, p. 86)

O segundo conjunto a ser construído (1940 – 1942) foi denominado “Casa de Coimbra”, na Seção Metropolitana, e correspondeu a uma sobreposição de

¹¹ Ver Silva (2016).

¹² Lino era o grande entusiasta de uma modernidade inspirada na narrativa do tradicional modo de morar português, por sua vez baseado num ruralismo idealizado.

elementos arquitetônicos dos principais ícones dessa cidade. O restante desse segmento, constituído de oito pavilhões dos monumentos mais representativos das regiões do país, foi construído entre 1950 e 1962.

Entre 1942 e 1945 foi edificada, também inspirados na exposição lisboeta, a Seção Colonial, o “Império Português para os Pequenitos”. Nas palavras de seus idealizadores, tratava-se de uma representação ‘etnográfica’ e monumental dos países africanos de língua oficial portuguesa, além de Macau e Timor. Alguns anos depois foi a vez do atual pavilhão brasileiro (1951), assim como o mapa do império e a escultura do infante D. Henrique. Por fim, a ampliação do pavilhão indiano data de 1960 (Silva, 2016).

Nas seções equivalentes às duas primeiras ‘lições’ mencionadas por Cassiano Branco, representando o Portugal rural e urbano, já é possível perceber os artifícios arquitetônicos largamente utilizados para a criação da alegoria romantizada e afortunada da pátria. A seção coimbreense expõe a espécie de quebra-cabeça arquitetônico em miniatura que é o Parque, uma colagem de elementos descontextualizados¹³. Nada que impeça, no entanto, as placas informativas do recinto de sustentar a faceta “fidedigna” e “autêntica” da arquitetura ali representada.

Mas é para a ‘terceira lição a aprender’ que voltaremos, com maior força, as análises deste ensaio. O que se aprende sobre esse ‘império português’ e as ex-colônias? Como estão ali representados?

¹³ A chamada ‘Casa de Coimbra’ corresponde a uma construção que simula internamente o Pátio das Escolas da Universidade de Coimbra, conformado por quatro fachadas internas, cada uma contendo partes de algum monumento da cidade: da Porta Férrea, Via Latina, Torre do Relógio, Porta da Capela de São Miguel e Porta da Biblioteca Joanina à Porta da Almedina, Igreja da Sé Velha e Museu Machado de Castro, tudo no mesmo pátio. Um verdadeiro e inusitado ‘jogo de montar’. Para acomodar monumentos de proporções e tamanhos tão diferentes em um espaço restrito foi naturalmente necessário alterar as proporções originais. Foram assim reduzidos números de janelas, degraus de escadas, alturas de portas com todo seu entablamento e ornamentação envolvente. Não é necessário muito esforço para se perceber que as ditas ‘cópias’ miniaturizadas dos monumentos nacionais são, na realidade, recriações livres ao gosto eclético. Na Seção Metropolitana, por sua vez, não há correspondência entre fachadas, volumes, espaços internos e externos. Plenamente descontextualizados, os referenciais aos monumentos portugueses são esvaziados em sua história. Tudo o que justifica a condição do patrimônio – a especificidade, a singularidade, o contexto, a situação – desaparece junto com o sentido denso das camadas do tempo. A história está pronta e achatada, banalizada, como adverte Choay, pelas formas mais “demagógicas, paternalistas e condescendentes de comunicação.” (Choay, 2010, p. 231).



Imagem 2: Planta geral do Portugal dos Pequenitos (desenho de Silva sobre original de Cassiano Branco, s/d e s/escala.)

Legenda (designação original/designação atual)

- 1 – Casa da criança.
- 2 – Aldeia do Ninho dos Pequenitos de Santa Clara / Casas Regionais.
- 3 – Casa de Coimbra / Coimbra.
- 4 – Seção Metropolitana / Portugal Monumental.
- 5 – Seção Colonial e Insular / Países de Expressão Portuguesa e Portugal Insular.
- 6 – Entrada.

Fonte: Silva, 2016, s.p.



Imagem 3: Aldeia do Ninho dos Pequenitos de Santa Clara

Fonte: Fundação Bissaya Barreto, 2008, s.p.

Imagem 4: Inauguração do Portugal dos Pequenitos

Fonte: Fundação Bissaya Barreto, 2008, s.p.



Imagens 5 a 7: Vistas do pátio interno da Casa de Coimbra

Fonte: Imagens elaboradas pelas autoras, 2018.



Imagem 8: Aldeia do Ninho dos Pequenitos de Santa Clara
Fonte: Imagem elaborada pelas autoras, 2018.



Imagem 9. Vista da Seção Metropolitana.
Fonte: Imagem elaborada pelas autoras, 2018.

É importante ter em perspectiva que, no Estado Novo português, contexto de construção do parque temático aqui em análise, os efervescentes movimentos de luta por independência das então colônias daquele país em África foram violentamente combatidos e suplantados pelo discurso oficial, com vistas à construção do imaginário de uma nação “forte e grande” (Martins, 2013; 2015). Testemunham este intento a construção da ideia de que tais territórios se tratavam de províncias, e não colônias portuguesas; a difusão da noção de Portugal enquanto uma nação pluricontinental e multirracial; e, claro, a imagem das lutas por libertação travadas naqueles espaços enquanto pontuais movimentos terroristas. Portugal dos Pequenitos, conforme pretendemos demonstrar ao longo das análises, parece servir a este projeto com exemplaridade. Antes, entretanto, de nos determos ao desenvolvimento deste argumento, nos parece pertinente explicitar, rapidamente, as lentes a partir das quais observamos este cenário.

A Reflexão (anti)Colonial

A visita que realizamos ao Portugal dos Pequenitos e o olhar que lançamos sobre aquela realidade foram mediados por um conjunto de discussões que têm orientado as nossas reflexões e trabalhos acadêmicos e a que optamos por, em diálogo com o termo formulado no âmbito das lutas pela independência nos países africanos e que traz à memória aqueles que elaboraram explicações para o mundo a partir das lutas que enfrentaram, nominar ‘anticoloniais’.



Assim, em referência a esse contexto histórico, reunimos sob este termo as elaborações de quatro correntes de pensamento: pós-colonial, decolonial, os estudos subalternos e as Epistemologias do Sul¹⁴. Teorias que, embora apresentem especificidades entre si, são consensuais quanto à compreensão de que os processos de colonização não se restringiram a um pacífico e/ou consentido evento político e econômico datado na história.

A noção de colonialismo, elaborada neste campo, afasta qualquer possibilidade de interpretação naturalizada, acrítica ou superficial das relações coloniais, recontextualizando-as, tal como Aimé Césaire (1978, p. 67) quando diz: “então, pergunto: que fez a Europa burguesa se não isso? Ceifou as civilizações, destruiu as pátrias, arruinou as nacionalidades, extirpou a ‘raiz da diversidade’”. O conceito de colonialismo nos permite melhor compreender o modo de operação do projeto de dominação colonial e dos seus alcances em diálogo com a ideia de diferença colonial, que diz respeito à transformação das diversidades culturais em valores e hierarquias (Mignolo, 2000).

Sob a formulação e difusão da narrativa colonial – em cuja o europeu auto-referencia-se enquanto ‘síntese da Modernidade’ e, portanto, enquanto a sua superior condição de civilidade – se justificou o exercício das mais diversas sortes de relações de subalternização sob a promessa da elevação das ‘identidades inferiores’ à imagem e semelhança do colonizador.

Na contemporaneidade, ainda que superadas as condições geoeconômicas de colônia, as relações desiguais orientadas por critérios raciais e de gênero se dilataram no tempo e no espaço. É o que sintetiza o conceito de colonialidade de Aníbal Quijano (2000), que nos instrumentaliza para a análise das manifestações coloniais no tempo presente. Ou seja, ao entendermos que se trata de um *modus operandi* que, embora reconfigurado, se fortaleceu e assumiu novas conformações ao longo da história, o evento da colonização torna-se um importante elemento a ser considerado na análise da realidade social.

A educação, por exemplo, conforme nos lembra Bell Hooks (2013), assumiu - e assume, segundo o argumento aqui desenvolvido - um papel central

¹⁴ Cf. Ballestrin (2013).

na produção e reprodução das relações de subalternização a que temos nos referido.

Talvez o pior crime que o colonialismo cometeu em nosso país, que na verdade cometeu em todas as ex-colônias, seja o sistema educacional. Isso porque aquele sistema era usado para ensinar ao nosso povo uma atitude de ódio a si mesmo, para fazê-lo abandonar nossa história, nossa cultura, nossos valores. Para fazê-lo aceitar os princípios da superioridade branca, destruir nossa confiança, reprimir nossa criatividade, perpetuar em nossa sociedade os privilégios e as diferenças de classe. Os senhores colonialistas perceberam bastante depressa que, se conseguissem que um povo subjugado pensasse como eles, esquecesse sua própria história e sua própria cultura, [...] então eles já teriam concluído o trabalho de nos manter sob dominação e exploração perpétuas (HOOKS, 2013, p. 161).

Compreensão que é reiterada ao voltarmos os nossos olhares para a realidade brasileira.

Em primeiro lugar, de uma perspectiva histórica, durante o século XVI, Igreja e Estado Nacional português se uniram em torno de um ambicioso projeto que possibilitava tanto a dominação territorial, quanto a imposição da fé católica, à época ameaçada pelo protestantismo. Nessa perspectiva, as práticas educativas protagonizadas predominantemente pelos jesuítas, mas também por outras ordens religiosas, no território que hoje denominamos Brasil, pretendiam assegurar o pleno atendimento dessas duas expectativas (Veiga, 2007). Havendo, assim, um vínculo embrionário entre colonizador e a atividade educativa.

Por outro lado, tendo aderido ao violento método do colonizador, qual seja o reconhecimento subalterno dos sujeitos individuais e/ou coletivos, ainda nos dias de hoje, a educação hegemônica não se orienta para a transformação das relações coloniais, que inferioriza e exclui os sujeitos racializados, as mulheres ou os demais cidadãos considerados desviantes aos padrões hegemônicos de gênero. Ao contrário, associando-se ao discurso universalista da Modernidade/Colonial¹⁵ as práticas educativas dominantes se sustentam no discurso do esvaziamento ou de menor valor de determinadas identidades e de culturas e, assim, pela narrativa do *vir a ser* ou, em outras palavras, pela promessa do desenvolvimento.

Faz-se necessário não perder de vista, entretanto, que a educação não se

¹⁵ No âmbito do coletivo modernidade/colonialidade, a Modernidade é denunciada pelo como “‘lado oscuro’ o ‘irracionalidad inmanente’: el efecto de la ‘violencia sacrificial’ y la ‘falacia eurocêntrica’ del ‘mito de la modernidade’” (DUSSEL, 2007, p. 30).

constitui, de maneira determinista, na corporificação unívoca do Estado colonial e colonizador. Ao contrário, havemos de pontuar seu potencial privilegiado de questionamento do *status quo* e, assim, de anúncio e legitimação de formas de organizações sociais, identidades e conhecimentos ‘Outros’, contra-hegemônicos. O que, aliás, justificaria a constante vigilância conservadora a que é submetida

Em consonância a Carlos Rodrigues Brandão (1980), compreendemos que a atividade educação não se restringe aos contextos escolares, mas, ao contrário, se faz presente em diversas dimensões da vida e do espaço público. Diante disso, as reflexões relativas à colonialidade da educação podem ser direcionadas para a análise de instituições escolares, mas também a outros espaços de ensino e aprendizagem, entre os quais encontra-se o parque temático Portugal dos Pequenitos que, inclusive, reivindica para si uma função pedagógica, conforme consta em seu sítio na internet: “Retrato vivo da portugalidade e da presença portuguesa no mundo, o Portugal dos Pequenitos é ainda hoje um referencial histórico e pedagógico de muitas gerações.”

Considerando-se o amplo acesso de crianças – seu público alvo, tal qual sugere o próprio nome do espaço – educadores e também de turistas, passamos, então, a refletir sobre o modo em que o projeto colonial português é ali apresentado no que diz respeito às associações políticas e epistêmicas. Em outras palavras, buscamos demonstrar o modo como o projeto colonial é, pedagogicamente, apresentado aos visitantes de Portugal dos Pequenitos e, assim, as expressões da sua face colonizadora deste parque.

A Benevolência do Colonizador

A relação entre o projeto colonial europeu e a formulação e difusão do projeto de Modernidade é tema comum entre os autores anticoloniais. Na verdade, no centro destas teorizações, conforme demonstramos anteriormente, está a percepção de que foi a habilidade etnocêntrica europeia – associada ao poderio bélico e a um projeto de sociedade – e, assim, a construção de uma relação de subalternização com outros povos, atribuindo a eles uma condição de primitivismo, que permitiu a este continente se constituir enquanto o oposto de seus colonizados e, portanto, ‘síntese’ da condição a que todo globo terrestre

deveria *vir a ser*. Concepção desconstruída por Frantz Fanon (1952) em *Os condenados da terra*.

Quando refletimos nos esforços empregados para provocar a alienação cultural tão característica da época colonial, compreendemos que nada foi feito ao acaso e que o resultado global pretendido pelo domínio colonial era convencer indígenas de que o colonialismo devia arrancá-los das trevas. (FANON, 1952, p.175)

Compõe ainda esta narrativa hegemônica a ideia de que, dada a sua condição hierarquicamente superior, pretensamente benevolentemente, caberia à Europa assumir para si a 'ádua tarefa salvacionista' de condução dos sujeitos individuais e coletivos à modernidade. Um ideal também brilhantemente caracterizado pelo autor, agora em *Pele negra, máscaras brancas* (1968):

No plano do inconsciente, o colonialismo não pretendia ser visto pelo indígena como uma mãe doce e bondosa que protege o filho contra um ambiente hostil, mas sob a forma de uma mãe que a todo momento impede um filho fundamentalmente perverso de se suicidar, de dar livre curso a seus instintos maléficos. A mãe colonial defende o filho contra ele mesmo, contra seu ego, contra sua fisiologia, sua biologia, sua infelicidade ontológica (Fanon, 1952, p.176).

Entre outros aspectos, nestas duas obras Fanon expõe o auto-centramento europeu ou, mais especificamente, o eurocentrismo subjacente à narrativa da Modernidade, questionando, assim, a sua naturalização e o próprio ideal salvacionista no qual se assentou.

A visita ao Parque Temático Portugal dos Pequenitos nos levou a concluir que, ainda que estejamos em 2018, e, portanto, há quase cinco décadas da conquista da libertação da última colônia portuguesa, o discurso de superação da condição rudimentar e, conseqüentemente de alcance da Modernidade pelas mãos do colonizador não foi superado, tal qual sugere o texto presente no totem apresentação do Parque:

Os Portugueses foram, entre os europeus, os pioneiros dos descobrimentos geográficos e da abertura do mundo desbloqueando a comunicação entre as civilizações da terra e permitindo o contacto das culturas, nos cinco continentes. Desta grande aventura nasceu o mundo Moderno. (Transcrição do texto gravado em totem de apresentação do Parque Temático Portugal dos Pequenitos, setembro de 2018.)

Narrativa que é reiterada nas placas de identificação de algumas ex-colônias, como são os casos de Moçambique e São Tomé e Príncipe.

Depois disso, as naus portuguesas da carreira da Índia, fizeram de Moçambique e dos portos daquela costa seus ancoradouros costumados onde tratavam com os indígenas, abrindo-lhes o caminho da civilização. (Transcrição do texto gravado no totem de apresentação da galeria Moçambique, setembro de 2018.)

Os portugueses colonizaram-nas [As ilhas de São Tomé e Príncipe] de tal modo que hoje vem de lá ótimo café e o cacau mais apreciado do mundo inteiro. (Transcrição do texto gravado no totem de apresentação da galeria São Tomé e Príncipe, setembro de 2018.)

É, portanto, em nosso entendimento, como a ‘tal mãe’ quase onisciente, diretiva, e, sobretudo, bondosa a que se refere Fanon, que o então Império português e, conseqüentemente, seu projeto colonial, é apresentado aos visitantes do Parque.

Embora de maneira mais sutil e travestido de ludicidade, não poderíamos deixar de destacar aqui também que a própria estética das placas informativas espalhadas pelo Parque contribui para reforçar a narrativa benevolente acerca do projeto colonial e de seus executores. Com inscrições em fonte serifada e baixo relevo em pedra, remetendo a um passado ‘encantado’ no qual a imprensa ainda era rudimentar, a estética conduz o visitante ao ‘faz de conta’ no qual a figura do herói, tipificado por Portugal, é subjacente.



Imagem 10: Totem “Os Portugueses...”

Fonte: Imagem elaborada pelas autoras, 2018.



Imagem 11: Totem “República Popular de Moçambique”

Fonte: Imagem elaborada pelas autoras, 2018.



Imagem 12: Totem “República Democrática de São Tomé e Príncipe

Fonte: Imagem elaborada pelas autoras, 2018.

O Pacifismo do Projeto Colonial

Outra narrativa relativa ao projeto colonial português identificada em Portugal dos Pequenitos – e que, entendemos, está intrinsecamente relacionada à primeira – é o pacifismo. Recurso no mínimo curioso considerando-se que, como já pontuado neste texto, a violência é a dimensão preponderante do projeto colonial. Seriam muitas as possibilidades de excertos das obras de Fanon para explicitar esta intrínseca relação. O que se segue, contudo, dada a precisão, nos parece suficiente: “O colonialismo não é uma máquina de pensar, não é um corpo dotado de razão. É a violência em estado bruto (...)” (Fanon, 1968, p.46).

A violência enquanto elemento constitutivo do projeto colonial é violentamente silenciada nas narrativas presentes em Portugal dos Pequenitos. Ao contrário disto, o discurso ali difundido, dado o pacifismo implícito, aproxima a colonização de uma espécie de acordo entre pares igualmente posicionados no cenário social, tal qual exemplifica a descrição do início do ação colonizatória em Moçambique.

Foi o célebre Vasco da Gama o primeiro navegador português que chegou a Moçambique. Durante a sua fantástica aventura em busca da Índia. Depois de passar o Cabo da Boa Esperança demorou-se em vários portos da costa oriental africana e encontrou na bela ilha de Moçambique o apoio de que necessitava . (Transcrição do texto gravado no totem de apresentação da galeria Moçambique, setembro de 2018.)

Essa tônica de amistosidade se repete, entre outros, nos relatos de chegada do colonizador em Macau e Angola.

No território de Macau foi estabelecido o comércio e o governo português, sempre de forma pacífica e aceite pelos chineses, que inicialmente ofereceram a cidade aos portugueses e sempre nela viram uma porta de comunicação com o mundo. (Transcrição do texto gravado no totem de apresentação da galeria Macau, setembro de 2018.)

Os primeiros contatos dos portugueses com Angola datam de 1482 quando o navegador Diogo Cão estabeleceu relações amistosas com as civilizações africanas ao sul do Equador. (...). (Transcrição do texto gravado no totem de apresentação da galeria Angola, setembro de 2018.)

Nestes dois casos observa-se, inclusive, a estratégia de se narrar a colonização dos povos a partir do consentimento de seus líderes, sugestivamente,

assim, uma atitude anuente e, como consequência disso, o compartilhamento das responsabilidades entre o Império e as Colônias.

São, portanto, pelo menos, duas as funções assumidas pelo ocultamento da violência dos projetos coloniais nas narrativas de Portugal dos Pequenitos. Em primeiro lugar, a ausência desta dimensão possibilita a construção da ideia-imagem dos povos originais enquanto passivos, coniventes e até mesmo desejosos, em nome do desenvolvimento Moderno, da colonização. Simultaneamente, resguarda Portugal da imagem de amplo beneficiário da exploração colonial.

A Exaltação de Portugal

Portugal dos Pequenitos é uma ode a Portugal. Considerando-se o contexto de sua construção em plena ditadura Salazarista, que coerentemente aos regimes totalitários assentou-se no fortalecimento do nacionalismo (Bandeirinha, 1996; Silva, 2016), as narrativas coloniais presentes no Parque pretendem exaltar os ‘grandes’ e ‘inusitados’ feitos do país. Perspectiva cuja descrição do monumento central do Parque sintetiza:

A partir do Atlântico se criou aquilo que viria a ser o ocidente e o mundo moderno. Depois dos grandes descobrimentos dos séculos XV e XVI devidos ao longo esforço dos portugueses e, mais tarde, de outros povos. A procura do conhecimento geográfico e científico vem da noite dos tempos e continua hoje na epopeia da celebração do espaço. Mas ficará para sempre gravado o caráter ímpar do grande contributo prestado pelas viagens dos descobrimentos portugueses. (Transcrição do texto presente no totem de apresentação do mapa das colônias portuguesas acompanhado de D. Henrique, setembro de 2018.)

Existe, portanto, naquele espaço a intencionalidade não apenas de se narrar os excepcionais feitos portugueses, mas de posicioná-los em uma escala mundial, conforme é reiterado na narrativa a respeito da ‘conquista’ da rota marítima para as Índias, à época também ambicionada pela Espanha.

Com a viagem de Vasco da Gama os portugueses conseguiram em 1498 realizar o objetivo que era ambicionado pelos europeus do tempo em que Cristóvão Colombo, sem êxito tentara: o descobrimento de uma rota marítima para a Índia. Depois disto todos os anos partiram de Lisboa as armadas regulares da carreira da Índia e os portugueses conseguiram estabelecer-se no Oriente. (Transcrição do texto presente no totem de apresentação da galeria Índia, setembro de 2018.)

Ademais, há a explícita intenção, conforme inscrito no totem de apresentação do Parque, de que a narrativa de um Portugal 'bevolente, pacifista e grande' presente em Portugal dos Pequenitos seja tomada por seus visitantes enquanto correspondente à realidade:

O Portugal dos Pequenitos reflecte, de forma fidedigna e numa escala reduzida, uma vasta gama de elementos sobre a Arquitetura e a História de Portugal. (Transcrição do texto gravado em totem de apresentação do Parque Temático Portugal dos Pequenitos, setembro de 2018.)

No entanto, ao contrário do que se propõe, Portugal dos Pequenitos é um espaço de difusão da versão hegemônica - pronunciada pelo colonizador - da história das navegações, a qual suprime os conflitos e as resistências em detrimento da afirmação da supremacia do então Império, o que guarda correspondência com a distorção analítica denunciada por Fanon (1952, p.38):

O colono faz a história e sabe que a faz. E porque se refere constantemente a história de sua metrópole, indica de modo claro que ele é aqui o prolongamento dessa metrópole. A história que escreve não é portanto a história da região por ele saqueada, mas a história de sua nação no território explorado, violado e esfaumado. (p.38)

O Primitivismo do Colonizado

Vimos que, nos Pequenitos, o mito da colonização é narrado totem-a-totem no percurso de visitação do Parque. O colonizador   aquele que, "em sua sabedoria e benevolência, oferece, pacificamente, as docilidades da civiliza o Moderna aos povos originários". Os colonizados, por outro lado, como veremos na sequência, são representados naquele espaço enquanto primitivos.

Como já mencionado, o mapa do mundo português em 1951, uma celebra o ao expansionismo ("E se mais mundo houvera l  chegara"), ocupa uma centralidade espacial no Parque, constituindo-se como sua porta de entrada. Ao redor dele, como uma moldura, estão os pavilhões das então col nias, do Brasil e dos territórios de Portugal insular – Ilhas dos Açores e da Madeira. Essas constru es são quase sempre de planta retangular com pórtico frontal, em alusão aos templos da antiguidade clássica, inspira o frequente dos pavilhões das Exposi es Universais dos séculos XIX e XX, ao mesmo tempo cobertos por

estruturas que lembram telhados de madeira ou de fibras naturais vernaculares e decoradas por motivos fantasiosos da fauna e da flora. Esse folclorismo é acentuado no interior dos pavilhões, onde são expostos objetos das supostas culturas materiais locais e que, vale dizer, são legitimados pela ideia de ‘trabalho etnográfico’. São nessas vitrines monumentais que as identidades de cada localidade são dissolvidas, reduzidas à condição de exemplares exóticos da empreitada colonial portuguesa: ali, tudo é mais ou menos primitivo, mais ou menos parecido.

Não por acaso, o exemplar da primeira ex-colônia, o Brasil, é diferenciado, representando em branco, com traços modernizantes. Uma inspiração protomoderna de volumetria simples mas que ainda mantém simetria e centralidade na composição como os anteriores, e pilares de capiteis que simulam palmeiras. Uma mistura de formas simplificadas, monumentalidade e representação do tropicalismo brasileiro. Sobre essa representação de uma nova nação moderna e tropical, a ideia forte a passar aos pequenitos (estampada na fachada) não é nova: “Portugal e o Brasil são Pátrias irmãs”. Temos uma irmandade pacífica entre colonizado e colonizador, que se reflete na representação do país tropical como um protótipo inferior da modernidade do país frio.

Em posição privilegiada, na convergência de ângulos de visão centrais, destacam-se os pavilhões de São Tomé e Príncipe, Timor, Cabo Verde e Guiné Bissau. O colorido da arquitetura contrasta com as demais áreas do Parque, brancas e sóbrias. Não é de se surpreender que o porticado do pavilhão de São Tomé e Príncipe tenha fortes semelhanças com aquele produzido para o Brasil na Exposição do Mundo Português de Lisboa, já que, na realidade, pouco importam as singularidades culturais de cada local.



Imagem 13: Pavilhão do Brasil

Fonte: Imagem elaborada pelas autoras, 2018.

Imagem 14: Pavilhão de São Tomé e Príncipe

Fonte: Imagem elaborada pelas autoras, 2018.

Imagem 15: Pavilhão do Timor

Fonte: Imagem elaborada pelas autoras, 2018.



Imagem 16: Pavilhão de Guiné Bissau

Fonte: Imagem elaborada pelas autoras, 2018.

Imagem 17: Bustos negros com pavilhão de Angola ao lado

Fonte: Imagem elaborada pelas autoras, 2018.

Imagem 18: Pavilhão da Índia

Fonte: Imagem elaborada pelas autoras, 2018.

Outros elementos decorativos foram trazidos, inclusive, diretamente da Exposição do Mundo Português para os Pequenitos, como os grotescos e desumanizados bustos negros dispostos ao lado do sítio angolano¹⁶. Há, portanto, no Parque a estratégia de esvaziamento cultural dos povos originários por meio do recurso ao primitivo e à irracionalidade, mas também à desumanização dos sujeitos. Uma clara tática colonial, tal qual sugere Fanon (1958, p.31).

Por vêzes êste maniqueísmo vai até ao fim de sua lógica e desumaniza o colonizado. A rigor, animaliza-o. E, de fato, a linguagem do colono, quando fala do colonizado, é uma linguagem zoológica. Faz alusão aos movimentos répteis do amarelo, às emanções da cidade indígena, às hordas, ao fedor, à pululação, ao bulício, à gesticulação. O colono, quando quer descrever bem e encontrar a palavra exata, recorre constantemente ao bestiário.

O europeu raramente acerta nos têrmos "figurados", mas o colonizado, que apreende o projeto do colono, o processo preciso que se instaura, sabe imediatamente o que o outro pensa. Essa demografia galopante, essas massas históricas, êsses rostos de onde fugiu qualquer traço de humanidade, êsses corpos obesos que não se assemelham mais a nada, esta corte sem cabeça nem cauda,

¹⁶ Como dito anteriormente, a Exposição do Mundo Português visava ser a expressão de um passado mítico que justificava o presente, promovendo a legitimação política e ideológica da história de Portugal. A arte esteve a serviço desse projeto, de forma que as representações românticas do país, da situação de suas colônias e ex-colônias sombreavam situações de pobreza, carência e violência. Como miniatura desse evento maior, Portugal dos Pequenitos traduzia às crianças esse universo, muitas vezes fazendo uso de peças decorativas herdadas do evento lisboeta.

essas crianças que dão a impressão de não pertencerem a ninguém, essa preguiça estendida ao sol, êsse: ritmo vegetal, tudo isso faz parte do vocabulário colonial.

Há ainda no espaço um exotismo inscrito nos pavilhões da Índia e do Macau e que é representado por uma maior fusão da influência portuguesa às arquiteturas tradicionais. No caso de Macau, particularmente no telhado; no caso da Índia, na reprodução de um símbolo desse processo, a torre do templo hindu de Shri Shantadurga, em Goa. Os pavilhões de Angola e Moçambique, por sua vez, fazem referência direta à ação colonizadora com construções inspiradas na arquitetura militar portuguesa, os fortes de pedra e cal.

Considerações

É preciso lembrar que, apesar do recurso fantasioso, exagerado e estereotipado da história e da cultura material, o desejo de fidelidade na representação do Parque é insuflado por meio do turismo modelo 'Disneylândia'.

O local que é intensamente visitado, é muito positivamente avaliado pela metade dos visitantes registrados no popular sítio da web *TripAdvisor*¹⁷. Apenas 5% dos registros no sítio dão conta de que alguns visitantes não chegam a se animar com a proposta, seja pelo valor cobrado¹⁸, pelo estado de conservação do espaço, pelo pequeno número de atrações ou, até mesmo, pelos traços de colonialidade perturbadores presentes no espaço¹⁹. Dos 1.059 comentários adicionados espontaneamente, apenas quatro os reconhecem ali:

Mostram Portugal como se fosse um país libertador que levou a civilização aos outros povos. (Vinicius)

Visão deturpada de um Portugal colonialista. (Paulo)

Preconceituoso. (Júlia)

Uma visão colonialista do mundo - não gostei da visita, mesmo para as crianças é uma visão folclórica das antigas colônias portuguesas que de certa forma deturpa a história de luta desses espaços colonizados, sendo uma visão da metrópole extremamente culturalista, além do valor (sic) está aquém do que poderia ser oferecido. (Anderson)

¹⁷ De acordo com Silva (2016, p. 89), somam-se 400 mil visitantes anuais. O registro de 50% dos visitantes no referido sítio qualifica o Parque como "excelente" ou "muito bom". TRIPADVISOR Portugal. Portugal dos Pequenitos. Disponível em <www.tripadvisor.pt/Attraction_Review-g189143-d456688-Reviews-Portugal_dos_Pequenitos-Coimbra_Coimbra_District_Central_Portugal.html> Acesso em 17out. 2018.

¹⁸ O atual valor do ingresso para adultos, sem descontos, é de 9,95 euros.

¹⁹ Idem.

Não poderia imaginar Cassiano Branco que seu jardim estava destinado a permanecer no tempo e adquirir estatuto de “imperdível”, na linguagem turística coloquial portuguesa, continuando a obra pedagógica na contemporaneidade sem necessidade de atualização. Afinal, “é ainda hoje um referencial histórico e pedagógico de muitas gerações”²⁰, conforme referido na introdução deste texto.

Até mesmo enquanto documento salazarista, Portugal dos Pequenitos é reduzido em sua história, aderido que está à era do consumo cultural. Enquanto parque de historicidade própria, que possivelmente se quer preservar, o local por si só exigiria o mesmo tratamento que se tem dado aos monumentos dessa natureza. Seria preciso deslocá-lo de seu presente contínuo e conferir-lhe situação histórica específica. Isso implicaria uma completa revisão museográfica, com atualização das placas informativas, situando cada texto em seu contexto.

No parque temático, um contexto de aprendizagem externo à escola (Brandão, 1980), identificamos, portanto, uma narrativa eurocêntrica – ou, neste caso, mais especificamente, ‘portugalocêntrica’ – do projeto colonial. Perspectiva que não é claramente anunciada a seus visitantes. Ao contrário, pais e filhos, educadores, turistas, ao entrarem no local, são ‘pegos desarmados’. Circulam nos espaços pacificados pelo turismo consumindo as narrativas de um passado-fetice enquanto crianças se perdem em labirintos monumentais sem entender nada dessa história. Um cenário para uma lenda de vitórias onde não há espaço para a realidade conflituosa e violenta do projeto colonial. Um lugar, portanto, de (re)produção da “memória abissal” a que se refere Santos (2003):

Se, como tenho defendido, a modernidade ocidental é um paradigma fundado na tensão entre regulação e emancipação (Santos, 2000), haverá que reconhecer que esta dicotomia se aplica fundamentalmente às sociedades metropolitanas. Porém, nas sociedades coloniais predominou a dicotomia apropriação/violência, expressão do conflito entre os colonizadores e colonizados. No entanto a força atuante desta tensão pôde permanecer invisibilizada para os contextos europeus, exatamente por ter lugar do outro lado da linha, num espaço invisível, feito inexistente e, por isso, incapaz de comprometer as alegações ocidentais sobre a universalidade da dicotomia regulação/emancipação. A zona colonial emerge como o território social da modernidade sumamente criado e mantido por uma ordem violenta, mas, ao mesmo tempo, suficientemente demarcado pelas linhas abissais para que a violência estrutural fosse estruturalmente invisível no Norte. (BOAVENTURA, 2014, p.10)

²⁰ FUNDAÇÃO BISSAYA BARRETO. Histórico. Disponível em <www.portugaldospequenitos.pt> Acesso em 18 out. 2018.

Assim, concluindo haver nas narrativas de Portugal dos Pequenitos a dissolução de identidades e conhecimentos “Outros” e consequente imposição da episteme e subjetividade europeia, contribuído, assim, para a permanência do *status quo* – ou nos termos de Wallerstein (1974), do sistema-mundo – nos parece adequado afirmar que identificamos o exercício de uma educação colonial em Portugal dos Pequenitos. Embora apreender os efeitos produzidos por esta narrativa não tenha se constituído o nosso objetivo neste texto, as avaliações dos turistas a que fizemos menção anteriormente, e, sobretudo, o breve acesso que tivemos ao projeto educativo *As cores da minha terra*²¹ desenvolvido junto a crianças e exposto no Parque suscita importantes trilhas de interpretação quanto a este aspecto:

1. O que você acha do projeto ‘as cores da minha terra’?

R: Acho que ajuda a dar a conhecer a nossa população às outras pessoas que nela não habitam e que ajudam a reconhecer o esplendor que temos. (Material exposição “As cores da minha terra” – Estudante do segundo ciclo do Ensino Básico).

O encantamento por um “Portugal forte, pacífico e benevolente” parece ser o óbvio ou, pelo menos, o mais provável efeito produzido pelo Parque junto aos seus visitantes. O acesso às experiências de subalternização, mas também de resistência vivenciadas pelos colonizados, que no Parque são reduzidos à categoria de objeto, certamente produziria, “Outros” efeitos.

Referências

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Rev. Bras. Ciênc. Polít.*, Brasília, n 11, p. 89-117, Aug. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-33522013000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 07/09/2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>.

²¹ Projeto desenvolvido pela Fundação Bissaya Barreto durante o ano de 2017, por meio do seu Serviço Educativo “Criar com Escolas” do Parque Temático Portugal dos Pequenitos e que se propôs a formar professores e estudantes para sensibilização do olhar para a natureza e para as construções. Para maiores informações, consultar: <http://www.fbb.pt/blog/servico-educativo-do-portugal-dos-pequenitos-promoveu-formacao-para-professores-e-educadores/>

BANDEIRINHA, José Antônio. *Quinas vivas*: memória descritiva de alguns episódios significativos do conflito entre fazer moderno e fazer nacional na arquitectura portuguesa. Porto: FAUP, 1996.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (org.). *A Questão Política da Educação Popular*, 2 ed.. São Paulo: Brasiliense, 1980.

CESAIRE, Aime. *Discurso sobre o colonialismo*. Lisboa: Sá Costa, 1978.

CHOAY, Françoise. *O patrimônio histórico na era da indústria cultural*. Alegria do patrimônio. Lisboa : Edições 70, 2010.

DUSSEL, Enrique. *Política de la liberación: historia mundial y crítica*. Madri: Trotta, 2007b.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 1968.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 1 ed., São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FUNDACAO BISSAYA BARRETO (FBB). *Bissaya Barreto, um homem de causas*. Lisboa: FBB, 2008.

MACHADO, Anna Rachel; LOUSADA, Eliane; ABREU-TARDELLI, Lilia Santos. *Planejar gêneros acadêmicos: escrita científica, texto acadêmico, diário de pesquisa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MARTINS, Bruno Sena.; MENESES, Maria Paula. *As guerras de libertação e os sonhos coloniais: alianças secretas, mapas imaginados* Edições Almedina: Coimbra, 2013.

MARTINS, Bruno Sena. *Violência colonial e testemunho: para uma memória pós-abissal*. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 106, pp. 105-126, 2015.

MATOS, Patrícia F. *A História e os Mitos: manifestações da ideologia colonial na construção de Portugal dos Pequenitos em Coimbra*. *Guardianes de la Historia y la Memoria: 'Tradiciones', Colecciones y otras Manifestaciones (in)Materiales del Periodo Colonial. Anais do 7.º Congresso Internacional de Estudos Africanos no Mundo Ibérico*. Instituto Universitário de Lisboa. Lisboa, 2010.

MIGNOLO, Walter. *Local histories/global designs: coloniality, subaltern knowledges and border thinking*. Princeton, Princeton University Press, 2000.

QUIJANO, Aníbal.; WALLERSTEIN, Immanuel. *Coloniality as a concept or the America in the modern world-sistem*. *International Social Science Journal*, 44, pp. 549-557, 1992.



QUIJANO, Aníbal. ¡Qué tal raza!. *Revista del CESLA*, [S.l.], n. 1, p. 192-200, nov. 2000b. ISSN 2081-1160. Disponível em: <<http://www.revistadelcesla.com/index.php/revistadelcesla/article/view/379>>. Acesso em: 09/05/2018.

SANTOS, Boaventura de Souza. As guerras de libertação e os sonhos coloniais: alianças secretas, mapas imaginados – Prefácio. In: MARTINS, Bruno Sena.; MENESES, Maria Paula. *As guerras de libertação e os sonhos coloniais: alianças secretas, mapas imaginados* Edições Almedina: Coimbra, 2013.

SEBASTIÃO, Joana R. A. R. *Arquitetura, Imagem e Cenografia – o Estado Novo e a Construção de uma Identidade Nacional*, 2013. Dissertação (Mestrado). Departamento de Arquitetura. Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade de Coimbra. Coimbra, 2013.

SILVA, Nuno E. *Retrato de um país suave: o “Portugal dos Pequenitos”*, 2016. Tese (Doutoramento). Faculdade de Arquitetura e Artes. Universidade Lusíada. Lisboa, 2016.

Você já foi a Portugal dos Pequenitos? Da fruição lúdico-educativa à reflexão (anti)colonial

Resumo

Portugal dos Pequenitos é um parque temático infantil localizado na cidade de Coimbra, Portugal. Trata-se de uma obra inaugurada durante o Estado Novo (1933-1974) visando a construção da identidade nacional portuguesa sob os pilares da história, da cultura e da valorização da dimensão civilizacional do império. É um espaço educativo fortemente frequentado por crianças quer acompanhadas de seus pais ou responsáveis ou por meio de visitas escolares. Com o objetivo de compreender, do ponto de vista de três mulheres latino-americanas, a forma pela qual o processo de colonização é concebido e, conseqüentemente, materializado e difundido no Parque, neste texto são analisadas narrativas e imagens presentes nas galerias do parque registradas pelas autoras durante uma visita ao local. Sob a ótica das teorias anticoloniais identificamos em Portugal dos Pequenitos uma narrativa eurocêntrica do projeto colonial português e, portanto, a difusão de uma distorcida versão da relação colonizador-colonizado para os seus visitantes.

Palavras-chave: Portugal dos Pequenitos; colonização portuguesa; relação colonial; educação colonial.

Have you ever been at Portugal dos Pequenitos? From ludic-educative fruition to (anti)colonial reflexion

Abstract

Portugal dos Pequenitos is a children's theme park located in the city of Coimbra, Portugal. It is a work of the Estado Novo (1933-1974) aiming the construction of the Portuguese national identity under the pillars of history, culture and the valorization of the civilizational dimension of the empire. It is an educational space strongly frequented by children either accompanied by their parents or guardians or through school visits. From a point of view of three Latin American women and in order to understand the way in which the process of colonization is conceived and, consequently, materialized and diffused in the Park, this text analyses narratives and images present in the galleries of the park registered by the authors during a site visit. From the point of view of anticolonial theories, we identified in Portugal dos Pequenitos a Eurocentric narrative of the Portuguese colonial project and, therefore, the diffusion of a distorted version of the colonizer-colonized relation for its visitors.



Key words: Portugal dos Pequenitos; Portuguese colonization; colonial relation; colonial education.

Has Estado en Portugal dos Pequenitos? De la fruición lúdico-educativa a la reflexión (anti)colonial

Resumen

Portugal dos Pequenitos es un Parque temático para niños ubicado en la ciudad de Coimbra, Portugal. Es una obra inaugurada en el Estado Novo (1933-1974) con el objetivo de construir la identidad nacional portuguesa sobre los marcos de la historia, de la cultura y de la valorización de la dimensión civilizacional del imperio. Es un espacio educativo fuertemente frecuentado por niños acompañados por sus padres o sus responsables y por medio de visitas escolares. Con el objetivo de comprender, desde el punto de vista de tres mujeres latino americanas, la forma que el proceso de colonización es concebido y, en consecuencia, materializado y presentado en el Parque, en este artículo son analizadas narrativas y imágenes presentes en las galerías del Parque registradas por las autoras en una visita al local. Utilizando las teorías anticoloniais, identificamos en Portugal dos Pequenitos una narrativa eurocéntrica del proyecto colonial portugués y, por tanto, la difusión de una versión distorsionada de la relación colonizador-colonizado para los visitantes.

Palabras-clave: Portugal dos Pequenitos; colonización portuguesa; relación colonial; educación colonial.

